

EDITORIAL

Diogo Henrique Helal¹

E chegamos ao final de 2022 ansiosos por tempos melhores e democráticos, que não de chegar com o novo ano que se avizinha. O desafio de reconstrução do país é imenso. Faltam recursos na educação e na pesquisa nacional. Na altura em que esse editorial é escrito, milhares de bolsistas da CAPES seguem aflitos sem a certeza do recebimento de suas bolsas no mês de dezembro. Produzir e compartilhar conhecimento, neste contexto, tem sido uma tarefa deveras difícil. Seguimos, contudo, nos caminhos da ciência, confiantes de que novos e melhores dias chegarão em breve. Neste espírito, apresentamos esta edição, composta pela capa, elaborada a partir da imagem produzida por Henrique Muzzio, e por mais sete artigos, a saber:

Em “Experiências Contra Hegemônicas de Organização: militância e enfrentamento de contradições para reinventar o trabalho”, Pedro de Almeida Costa e Patricia De Camillis apresentam resultados de uma pesquisa que descreve e discute criticamente o modo de trabalho de duas experiências contra hegemônicas de organização, com o objetivo de construir categorias que marquem sua singularidade e que as distingam do modelo hegemônico. O trabalho entrega, ao mesmo tempo, uma proposição de construto teórico e um instrumento de fortalecimento das práticas de resistência e de reinvenção da sociabilidade capitalista hegemônica.

Luiz Eduardo Pereira Batista e Eduardo Milani Boselli, em “Políticas Públicas e Invisibilidade: o processo biopolítico de exclusão em contexto de Covid-19”, buscam compreender como se deu o processo de exclusão de corpos nas adoções de políticas públicas de emergência no contexto de covid-19. Como resultado, os autores destacaram, a partir da análise, três modos de processar de biopoder, encontrados no processo de materialização de

¹ Editor-chefe da Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. Pesquisador Titular da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD - da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista Produtividade em Pesquisa (Pq-2), do CNPq. Doutor em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre e Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco.

corpos excluídos por meio da invisibilidade: Naturalização do privilégio, Reificação por proteção e Suavização por condicionamento da temporalidade.

“Organizações Alternativas: reflexões sobre a pesquisa nacional e possibilidades de estudos futuros”, de autoria de Laira Goncalves Adversi e Rene Eugenio Seifert, tem o objetivo de compreender e refletir acerca das características das organizações alternativas, tal como apontadas pelas publicações brasileiras, com intuito de indicar possibilidades de estudos futuros para a área. Dentre várias considerações e sugestões importantes, os autores destacam que a busca por autonomia frente ao modo capitalista pode não contemplar a liberdade diante de outras formas de dominação.

A seguir, Milka Alves Correia Barbosa, José Rodolfo Tenório Lima e Lucio Soares Junior, em “Prazer, Sofrimento e Retaliação no Trabalho de Garis de Maceió”, investigam as vivências de prazer, sofrimento e retaliação no trabalho de garis que prestam serviço de limpeza urbana na cidade de Maceió-AL. Os autores apontam que tanto prazer quanto sofrimento estão presentes no trabalho desses garis, evidenciando que não são vivências excludentes, ainda que no caso em estudo, as vivências de sofrimento tenham sido majoritariamente exaltadas pelos trabalhadores.

Em “Mobilidade Acadêmica Internacional e Colonialidade Epistêmica: uma abordagem territorial”, Suzie Terci Kaetsu, Priscilla Borgonhoni Chagas e Fabiane Cortez Verdu buscam identificar como os elementos da abordagem territorial (economia, política, cultura e natureza, E-P-C-N) são percebidos e avaliados por estudantes de pós-graduação em Administração em suas escolhas de mobilidade acadêmica entre países do hemisfério Sul e Norte, numa perspectiva de colonialidade epistêmica. Os resultados evidenciaram que as escolhas dos países por parte dos estudantes envolvem comparações sobre os elementos E-P-C-N e estão permeadas pela colonialidade epistêmica.

José Matheus Lira, Jéssica Moliterno Genú e Ana Caroline Ramos Rocha, a partir do filme Bacurau, apresentam o caso para ensino “Bacurau Resiste: a insurgência de uma comunidade precária contra a colonialidade”. No caso, os autores destacam, como questão central para a discussão o seguinte: “o que os habitantes de Bacurau podem fazer diante da precariedade e da violência que lhes são impostas?”. O caso pode ser utilizado por docentes que atuam na graduação e na pós-graduação em administração, em disciplinas que enfatizam a colonialidade, a marginalização social e a realidade social de países do Sul global.

Finalizam esta edição, a contribuição fotográfica feita por Henrique Muzzio, que ilustra a capa desta edição, e o artigo convidado sobre os 10 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais e da RBEQ, por Luiz Alex Saraiva. Neste, Luiz Alex, na forma de uma narrativa afetiva, traça um percurso memorialístico de nossa Sociedade. Finaliza o texto, apresentando importantes questões e desafios para a SBEQ.

Por fim, faço das palavras de Luiz Alex, as minhas: “certo estou é que a Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais é uma instituição que se mostrou imprescindível, e que terá muitas memórias, histórias e realizações a serem registradas nos anos que se anunciam”.

Viva a SBEQ! Que nossa Sociedade siga neste caminho do diálogo, das trocas e dos afetos, defendendo uma ciência crítica e de qualidade. Avante!

Votos de um 2023 repleto de esperança! Boa leitura!!